

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

EDUARDO DA SILVA PRADO (1860-1901)

Ao ensejo do centenário de seu falecimento, é-nos grato evocar nesta seção a figura de Eduardo Prado, um dos vultos mais expressivos da cultura brasileira no final do século XIX. Sem ter sido propriamente um historiador, na acepção em que o termo costuma ser modernamente empregado, prestou assinalados serviços à historiografia pelas suas numerosas iniciativas, contribuindo para a divulgação de textos valiosos, indispensáveis mesmo para o conhecimento de nosso passado. Sua percepção da história brasileira é significativa, como o demonstra o excerto de sua lavra que anexamos a esta nota.

Nascido na capital paulista aos 27 de fevereiro de 1860, descendente de tradicionais troncos, filho de Martinho da Silva Prado e de Dona Veridiana da Silva Prado. Em 1881 bacharelou-se pela faculdade de Direito, onde foi contemporâneo de expressivas figuras de nosso cenário cultural, como foi Júlio Mesquita, Afonso Celso, Assis Brasil, Júlio de Castilhos e Pedro Lessa, entre outros. Ainda estudante, iniciou-se na vida de imprensa, colaborando em diversos jornais de sua cidade.

“Rico e inquieto”, como o qualificou um de seus biógrafos, viajou muito, não como simples turista, mas como homem estudioso e de inteligência arguta. Teve residência em Paris, em cuja casa organizou preciosa biblioteca de assuntos brasileiros e onde recebia expressivas figuras da capital francesa ou do Brasil quando lá se encontravam. Da mesma forma, foi assíduo freqüentador de elegantes salões parisienses, que, no fim da vida alternava com sua fazenda, no interior de São Paulo. Afirmase, provavelmente com fundamento, que foi ele o modelo escolhido

por Eça de Queiroz para o personagem principal de seu romance **O Homem e as Serras**.

Proclamada a República no Brasil, conservou-se fiel à monarquia, muito criticando com sarcasmo e ironia os primeiros tempos do novo regime em nosso país. Suas crônicas a respeito alcançaram grande repercussão e foram reunidas no volume **Fastos da Ditadura Militar no Brasil** (1890). Um certo sentimento anti-americanista levou-o a escrever **A Ilusão Americana** (1893), seu livro mais conhecido, mas que teve sua edição apreendida pelo governo da República, só vindo a ser reeditado postumamente depois de quase meio século.

Em fins do século XIX foi um dos promotores das comemorações do terceiro centenário do falecimento do padre José de Anchieta (1897), constante de excelente série de conferências por ele organizada e a ele cabendo proferir a palestra inaugural sobre “O Catolicismo, a Companhia de Jesus e a Colonização do Brasil”, que figura no volume comemorativo da efeméride, publicado em 1900. Igualmente valiosa é a sua monografia sobre imigração (“Immigration”), capítulo XVI da grande obra **Le Brésil en 1889**, organizada por Santa-Anna Nery, para figurar na Exposição Internacional de Paris naquele ano, em comemoração ao primeiro centenário da Revolução Francesa.

Grande parte, talvez mesmo a maior parte, do que escreveu, de interesse histórico, encontra-se na série **Coletâneas**, publicação póstuma em quatro volumes (1904-1906).

Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (1897) coube-lhe ocupar a Cadeira nº 40, escolhendo para patrono ao Visconde do Rio Branco. E ao fundar-se, em 1901, a nossa Academia Paulista de Letras, teve seu nome escolhido para um dos patronos, em Cadeira ocupada atualmente pelo Acadêmico Ignácio da Silva Telles.

Vítima da febre amarela faleceu em São Paulo a 30 de Agosto de 1901, com pouco mais de quarenta anos de idade.

Fonte preciosa para o conhecimento de sua vida e obra, encontramos-la no fascículo 3, do dia 31 de agosto de 1941, do suplemento “Autores & Livros”, dirigido por Múcio Leão para o antigo jornal “A Manhã” do Rio de Janeiro. Nele, além do próprio Múcio Leão colaboraram

com valiosos texto Afonso Arinos e Tristão de Athayde e ainda reprodução do que sobre Eduardo Prado já haviam escrito José Veríssimo, Coelho Neto, Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, Carlos de Laet, Pedro Lessa, Rui Barbosa e o próprio Eça de Queiroz.

SELETA

A HISTÓRIA DO BRASIL

Eduardo PRADO

A nossa história é cheia de emocionantes episódios, de dúvidas que despertam e prendem a curiosidade, de lendas poéticas que seduzem e de problemas cuja solução desafia a sagacidade do estudioso.

O grande mistério da espécie humana na América pré-histórica está, em grande parte, escrito e oculto no Brasil, nas línguas indígenas, onde os filólogos o querem decifrar; nas camadas do solo, onde há vestígios de extintas espécies, e onde se descobrem as imagens impressas e, às vezes, os restos da fauna do passado, entre os quais Lund, nas furnas da Lagoa Santa, julgou descobrir o homem contemporâneo de um mundo desaparecido. Na cerâmica dos vasos de Marajó há o aparecimento de uma arte, pela qual o sentimento estético daqueles desconhecidos oleiros se aproxima da pureza das formas e da harmonia das linhas que os ceramistas da Ática consagram.

À beira das praias, onde o mar espuma, a recordação das gerações que passaram esta nas conchas amontoadas, entre as quais se acha, dentro de sua urna funerária, a múmia misteriosa do homem sem nome; e o estudioso pergunta se aqueles mortos e se os habitantes selvagens das nossas terras não são ruínas de povos, e, como diz Martius, “o resíduo de uma muito antiga, posto que perdida história”.

E quando é que o Brasil começou a existir para o resto do mundo? Em que época se veio juntar a torrente da História? Foi na época

deslumbrante da Renascença que o fio, ténue então, mas para sempre ininterrupto da sua vida, se veio entretecer na trama universal da vida das nações.

As viagens oceânicas, um dos grandiosos episódios daquele tempo, franquearam o Atlântico, e assim a Europa e, mais tarde, a África, puderam vir reunir-se nesse grande pedaço da América e formar o Brasil. Vieram então as aramadas, velejaram ao longo das nossas costas as caravelas e as naus, tomando alturas, recebendo água em caminho da Índia, erigindo padrões, deixando homens desterrados. Pereceram em ignorados naufrágios alguns navios e os desterrados e os salvos das ondas, esses padrões vivos da nossa raça conquistadora, aí ficavam em terra e eram o misterioso João Ramalho, o obscuro bacharel de Cananéia, mais tarde o lendário Caramuru ou o ingênuo e tão interessante Hans Staden.

Portugueses e franceses chegavam à costa brasileira; traficavam em pau-brasil, estabeleciam feitorias, depósitos ou pontos de negócio e isso sem deixar vestígios, como se vê do que aconteceu na história tão obscura do comércio dos fenícios e cartagineses, que rodearam a África, foram ao Ofir do Oceano Índico e, em busca do estanho e do âmbar, às costas da Inglaterra e às praias hiperbóreas do Báltico.

Foi nesse século XVI que se esculpiu o coro da igreja de S. Jacques, em Dieppe, onde, na figuração das cenas da vida dos mercadores da cidade, aparecem índios, contando e carregando pau-brasil, todos armados das suas emplumadas arações. E outros índios então levados à França, como curiosidade, acampavam em Ruão à margem do Sena e iam ornar a entrada triunfal de Henrique II, Cristianíssimo rei da França, e da muita ilustre dama Catarina de Medicis, sua esposa. Carlos IX dialogava com outros índios e Montaigne, fazendo traduzir uma canção dos tupinambás, declarava achar nela um sabor todo anacreôntico.

Quem se dedica à História do Brasil não se encerra dentro de uma especialidade árida e estreita. Desde a época da descoberta nenhum grande fato europeu deixou de ter a sua repercussão no Brasil ou de influir em nossos destinos. Se alguém entre nós fizesse a experiência de ensinar a um adolescente a História do Brasil, explicando-lhe sucessivamente os acontecimentos da história da Europa e pintando-lhe os seus personagens, à medida que em nossa história fossem aparecendo os efeitos daqueles

acontecimentos ou a influência daquelas figuras - esse adolescente acabaria sabendo não só a história da sua pátria, mas também quase que a história completa do Ocidente do velho mundo dos últimos três séculos.

A reforma repercutiu no Brasil na tentativa da colonização huguenote de Villegaignon e, à sombra dos alterosos rochedos da baía do Rio de Janeiro, discutiram teólogos de Genebra com teólogos católicos e, perante os selvagens nus, a mais elevada teologia, e terçaram os argumentos mais sutis sobre a Graça, a Presença Real e a Predestinação. Surge no campo católico a reação organizada na Companhia de Jesus, e dos primeiros dos seus soldados vêem muitos ao Brasil, cuja história fica então ligada à dos Jesuítas.

A Espanha quase realiza o sonho da monarquia universal e nessa monarquia entra o Brasil, como parte do domínio de Felipe III. Há o primeiro anúncio da futura supremacia marítima da Inglaterra, quando Elisabeth promove por todos os meios o desenvolvimento naval e Eduardo Fenton, um dos vencedores futuros da “Invencível Armada”, penetra em Santos, que Cavendish mais tarde saqueia; Withrington assola os arredores da Bahia, Lancaster saqueia o Recife.

Nasce o poder marítimo dos holandeses e Olivier van Noord surge diante do Rio de Janeiro, van Cerden tanta apossar-se da Bahia, Joris van Spilbergen hostiliza Santos. Prenúncios estes de que a revolta dos Países Baixos contra a Espanha ia ter também como teatro de ação a nossa terra; e assim foi nos trinta anos das invasões das guerras holandesas no norte do Brasil. Desde então, na solução das grandes crises européias, por ocasião das pazes de Westphalia e de Munster no século XVII; na paz de Utrecht no século XVIII; e, em nosso século (XIX) nos tratados de Viena em 1815, o Brasil, isto é, a questão da legitimidade e dos limites da soberania portuguesa na América, foi objeto de discussão e de transação.

No século XVIII a maior vitória do filosofismo foi a destruição dos Jesuítas, fato da maior gravidade para o Brasil. E noutra ordem de idéias, de que alcance não foi para a vida econômica e social do mundo inteiro toda a inundação de ouro saído do Brasil, quando houve ano em que só a Capitania de Minas produziu mais de 500 arrobas de ouro? E, mais perto de nossos dias, a tormenta revolucionária e a passagem de Napoleão pelo mundo tiveram como consequência, deste lado do oceano, a forma extraordinária pela qual, sem sacrifício, foi ganha a nossa independência.

Um ilustre poeta inglês prestou um imenso e inestimável serviço a nós todos escrevendo uma notável História do Brasil. Meditando sobre a nossa história, Robert Southey ficou compenetrado da importância e do valor futuro do Brasil. E, ao terminar a sua grande obra, diz-nos que escolheu esta grande tarefa “na virilidade madura e que a propôs como objeto de uma vida dedicada à literatura, no que esta tem de mais elevado e digno”.

E isto fez aquele estrangeiro ilustre, porque como ele próprio o diz, ficou convencido, ao estudar os trabalhos dos fundadores do Brasil, “que das empresas desses homens obscuros surgiram conseqüências mais amplas e provavelmente mais duradouras que as conquistas de Alexandre e Carlos Magno”.

(*Coletâncas*, vol. III. São Paulo, 1906)